

A poesia de Lobivar Matos

JOSÉ COUTO VIEIRA PONTES - *Cadeira nº 11 da ASL*

O poeta não gosta de percorrer caminhos já palmilhados. Traz no íntimo a ânsia de renovação, como Castro Alves a proclamar: “Eu sinto em mim o borbulhar do gênio”. Em Mato Grosso, onde a literatura se caracterizou sempre pelo apego às formas tradicionais, mostrando-se “bastante comportada”, na expressão do ensaísta literário Benedito Luz e Silva, as ideias revolucionárias da estética preconizada pelo Movimento Modernista de 1922 não penetraram pacificamente. Tanto é verdade que, até mesmo em nossos dias, poetas que romperam com as exigências clássicas, como Silva Freire e Manoel de Barros, são aceitos apenas por uma elite versada em conhecimentos técnicos e científicos da Literatura. Rubens de Mendonça, na “História da Literatura Mato-Grossense”, fala com pouco entusiasmo de Manoel de Barros, poeta laureado pela ABL e pela Fundação Cultural de Brasília, além de elogiado por Antônio Houaiss.

Ao analisar esse quadro de poesias em MT, o estudioso atribuirá incontestável importância às produções de um vate corumbaense que, como Castro Alves e Álvares de Azevedo, morreu jovem e empreendeu uma passagem vanguardista e séria nos anais da Literatura: Lobivar Matos. Desprezando os modelos arcaicos e os temas surrados, sabia Lobivar que a arte literária tem sede de renovação, esse fogo criador que inquietara Balzac e o levava a alcançar um dia o sonho acalentado: criar um processo de narrativa novo e jamais explorado até então pelos cultores da literatura. Compreendia o bardo da Cidade Branca a mensagem cósmica contida na poesia como instrumento de



Lobivar Matos

“Lobivar Matos escreveu dois livros de poemas: ‘Areotorare’, lançamento em 1935, e ‘Sarobá’, em 1936”

sondagem do absoluto, como busca interminável pelos domínios do espírito.

Nascido em Corumbá, em 11 de janeiro de 1915, passou grande parte de sua existência no Rio de Janeiro, onde se formou na Faculdade Nacional de Direito e colaborou em jornais e revistas cariocas. Recebendo, assim, uma edu-

cação aprimorada, no seio da Capital Cultural do Brasil, meca dos intelectuais oriundos de todos os recantos do País, o filho das distantes províncias do Oeste encontrou campo propício para o desenvolvimento de sua “preciosa vocação literária”, na expressão de Hélio Serejo. A Faculdade de Direito da Universidade do Brasil, a despeito de renomada escola de formação técnico-jurídica, jamais deixou de ser, também, em todas as fases de sua história, um centro de debates, discussões e iniciativas literárias, mercê dos talentos que por seus bancos passaram e de mestres que perustraram suas cátedras. Tempos houve em que sua revista *A Época* mais parecia um órgão de Faculdade de Letras que uma publicação jurídica.

Lobivar Matos escreveu dois livros de poemas: “Areotorare”, lançamento em 1935, e “Sarobá”, em 1936. Entre os bororos, areotorare é o índio que fala bonito aos irmãos de tribo, à noite, em volta da fogueira, contando-lhes estórias e fatos pitorescos. Embora se intitulem “poemas bororos”, os versos do livro falam a linguagem universal, comparecendo o ser humano na plenitude de anseios de realização, dúvidas e inquietações que o singularizam. O saudoso acadêmico Paulo Coelho Machado, que o conheceu no Rio, disse que Lobivar era magro, de estatura baixa, orelhas em abano, inquieto e idealista. Falava com lentidão. Do fundo de seu mundo mágico, jovem e pleno de descobertas, brotavam versos assim: “Eu sou o poeta desconhecido.../Andei de cidade em cidade;/Caminhei por vilas, grutas e montanhas;/Atravessei riachos, pantanais;/Venci, afinal, todas as distâncias/Com o mesmo heroísmo selvagem de minha tribo, forte e guerreira.../A ilusão é minha amiga e meu consolo”.

Diplomatas

SÉRGIO FERNANDES MARTINS - *Cadeira nº 32 da ASL*

Aos 16 anos, decidi estudar no Rio de Janeiro. Meus pais não gostaram muito da ideia, mas, depois de uma certa insistência da minha parte, cederam. Eu havia terminado o 2º Científico em Cuiabá, no Colégio Salesiano São Gonçalo (sim, naquela época, os atuais 1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio eram denominados 1º, 2º e 3º Científicos). Era preciso me matricular no terceiro ano para, ao mesmo tempo, como era comum, cursar o preparatório para o vestibular. Se aprovado, o passo seguinte era a glória: a tão sonhada faculdade.

Estávamos, eu e meu pai, na região da Cinelândia, no centro do Rio, procurando o endereço onde ficava o Colégio Miguel Couto Bahiense, quando meu pai reconheceu, naquele vai e vem intenso de gente, um advogado amigo dele, o Dr. Walter Simões. Os cumprimentos foram efusivos, pois há muito tempo não se viam. Na conversa, meu pai apresentou-me e contou que procurávamos o “Cursinho”, onde pretendia matricular-me. O Dr. Walter alegrou-se sobremaneira.

“Tenho um filho na idade do seu e ele irá cursar exatamente o mesmo ano e já está matriculado ali”, apontando para a direção da Praça Ana Amélia, no “Colégio Miguel Couto Bahiense”. Era exatamente o que estávamos buscando. “Vou levar vocês até lá”, disse o Dr. Walter. No caminho, meu pai acrescentou: “O Sérgio pretende fazer vestibular para Direito”. Dr. Walter prontamente exclamou: “O Antônio José também. Vai ser ótimo eles se prepararem juntos”.

O gran finale ficou para logo após termos feito a minha matrícula. Meu pai pediu ao amigo que lhe indicasse dois cursos de línguas, de preferência inglês e francês. Explicou: “O sonho do Sérgio é ser diplomata”. Neste momento, Dr. Walter pareceu perder o fôlego de tão surpreso, e disse: “Mas não é possível, Sérgio”, dirigindo-se ao meu pai. “É este também o desejo do Antônio José. Que bela coincidência. Vamos no Maison de France, na Av. Rio Branco, aqui perto, onde meu filho já estudava francês desde pequeno. O curso de inglês eu lhe passo o endereço e depois vocês vão até lá”.

Imaginem só. Em um encontro absolutamente casual conheci o pai e, logo no dia seguinte, o Antônio José Ferreira Simões, hoje embaixador do Brasil no Mercosul, de quem me tornei um grande e particular amigo. Eu, por meu turno, tive de abrir mão de meu projeto inicial de vida. Uma hora eu conto o porquê. Mas não numa crônica. A história talvez mereça um livro. Quem sabe?

Lentes de todos os lugares

HENRIQUE ALBERTO DE MEDEIROS FILHO - *Cadeira nº 10 da ASL*

Dores. Cores. Vida. Morte. Vazios. Universos. Bem-estar. Coisas do viver. Coisas do esperar. Os conflitos do existir nos fazem mais fortes ou mais frágeis. Próximos às reflexões, definições, desamparos. No prosseguir caminhos, no perseguir saídas de emergência, usar parquedas imaginários mesmo dentro de elevadores. No fazer pactos com o resistir. Suportar os sinais diários de abandono. De fragilidade do olhar, do perceber. Do digerir o mundo. Seus mistérios, mentiras, verdades. Interpretadas por cada subjetividade.

Outros moradores

PAULO COELHO MACHADO (1917-1999) - *pertenceu à ASL*

No início da Rua 7 de Setembro, numa casa misteriosa, sempre fechada, os italianos simpatizantes do Mussolini realizavam reuniões secretas em que eram exaltados o fascismo nascente e Il Duce.

Em local próximo, que não consegui bem identificar, morou, no início do século, o gaúcho, Dr. Nilo Javary Barém, o primeiro engenheiro do município de Campo Grande e autor da primeira planta da cidade, em 1909, a quem já nos referimos em diversas oportunidades. De estatura mediana, mo-

Servidão humana

ZORRILLO DE ALMEIDA (1927-2009) - *pertenceu à ASL*

Relendo a “Ética”, de Spinoza, esbarrei na quarta parte do livro, intitulada “Da Servidão Humana ou da Força das Paixões” – chamam de servidão a importância do homem para governar e reprimir as suas paixões, porque, sujeito às paixões, com efeito, o homem, muitas vezes, é forçado a fazer o pior, mesmo que veja o melhor. E me lembrei de que o escritor inglês, nascido em Paris, William Somerset Maugham utilizou essa expressão para intitular um de seus romances, talvez um dos mais importantes de sua obra tão extensa. Escreveu, também, um romance interessante “O

de dos múltiplos seres que habitam e convivem espaços muito pequenos pela globalização. Cada vez mais distantes vão as emoções do vivenciar e das experimentações. Imagens, fatos e informações de todos os tipos, gostos e sabores chegam por lentes de todos os lugares. De becos e guetos. De estrelas e quasares. Distantes entre si, trazem em comum similares mistérios dos comportamentos humanos ou do cosmos. Do pensar ou do que se esconde. Segredos de extensões bem guardados em enigmas indecifráveis. Que nos trazem dores. Que nos trazem cores. Detalhes que fazem toda a diferença na continuidade do ir.

reno, na época teria uns 50 anos de idade. Usava óculos. Era fazendeiro em Jaraguari. Casado com dona Chininha, deixou sete filhos: Peri, Jaci, Edgard, Osmar, Marina, Jandyra, e Talita.

Foi importante a contribuição do Dr. Nilo para o desenvolvimento de nossa cidade. Depois que fez a primeira planta, pela qual cobrou dois contos de réis, foi que começou a verdadeira expansão urbana de Campo Grande, dentro de um traçado inteligente, organizado, que obedeceu aos parâmetros urbanísticos das modernas cidades da época. Pena que os loteamentos que se seguiram não acompanharam os mesmos critérios!

Fio da Navalha”, no qual coloca um pouco de misticismo.

Outros livros seus e dos mais agradáveis de ler têm o nome de “Histórias dos Mares do Sul”, cada uma delas mais divertidas e curiosas do que as outras. Nesse cenário, no qual ele situou muitas coisas da sua literatura, escreveu a biografia do pintor francês Gauguin, que abandonou a carreira bancária na França e a família e foi viver nas ilhas mágicas do Oceano Pacífico – e que foi intitulada “Um gosto e seis vinténs”. Somerset Maugham foi um dos grandes romancistas a escrever sobre a Inglaterra e suas colônias. As leituras se misturam com as lembranças e a gente, assim, vai preenchendo uma vida que de outro modo seria muito vazia.

+POESIAS

À Bandeira e à Juventude do Brasil

Sacrossanto pendão de nossa terra-berço,
Flabelando, feliz, ao sol de nossas vidas,
Aos jovens do Brasil, no tremular convidas
A cumprir seu dever, a qualquer custo ou preço...

Juventude! Não negues ao Brasil teu braço,
Nem esta alma viril e audaz que recebeste!
És defesa da Pátria, do teu solo e espaço,
És parcela moral da terra em que nasceste!

Nossos antepassados te legaram exemplos,
Em seus lares, escolas, na caserna e templos;
Passaram os heróis, que viverão na História!

Retoma no teu peito o galardão sagrado
Por Bilac e Caxias, imortais, plantado
No altar desta Nação e no panteão da Glória!

ANTONIO LOPES LINS

Era do Bronze

Era do Bronze, no Médio Oriente.
Bronze que era a riqueza de então.
Grandes cidades fundidas no bronze
Era do bronze a armadura do herói
Bronze era sangue escorrendo no chão.

Hoje, o metal tem valor diferente
Derrama-se em arte em mãos de artesãos.
Bronze na praça é figura valente,
na torre da igreja é oração.
Bronze no peito é medalha luzente,
no bolso, é moeda corrente.
Bronze é requinte na decoração.

ILEIDES MULLER

A Pulga

As pulgas, amigos, amantes,
Como nos amam as tratantes!
A elas nosso sangue é dado.
Fica infeliz todo bem coçado.
Como viver com uma pulga
Morando atrás da orelha?
Se você sabe, eu não sei!
Ninguém sabe se nela se pluga!
Nem sei eu quem fez a lei!
Viviam elas muito no cinema!
Hoje que só tem televisão
Nem se veem mais pelo chão.
Pulga, porque não escolhes a seriema?

ORLANDO ANTUNES

Luzes e sombras

Feita de luzes e sombras,
Quase sempre a vida é.
Com as sombras da descrença
E com as luzes da fé.
As sombras são que anoitecem,
As luzes fazem clarão.
Se as sombras envelhecem,
As luzes ressurgirão.
Luzes e sombras, beleza,
Um contraste, mas de cor.
Se a sombra é incerteza,
A luz, verdade e valor.

ADAIR JOSÉ DE AGUIAR

Deus disse

Deus disse: Vou ajeitar a você um dom:
Vou pertencer você para uma árvore.
E pertenceu-me.
Escuto o perfume dos rios.
Sei que a voz das águas tem sotaque azul.
Sei botar cílio nos silêncios.
Para encontrar o azul eu uso pássaros.
Só não desejo cair em sensatez.
Não quero a boa razão das coisas.
Quero o feitiço das palavras.

MANOEL DE BARROS